

EDITORIAL

A partir de 1º de janeiro, a nova diretoria da Federação da Agricultura do Estado inicia os trabalhos. Liderada pelo bageense Gedeão Pereira e composta ainda por outros 30 produtores rurais, a gestão promete injetar agilidade e manter a união do sistema sindical que mais e melhor representa o produtor rural gaúcho e brasileiro na seara política. Uma das principais bandeiras é o fortalecimento e o acompanhamento permanente das comissões temáticas consultivas, a terem novidades em breve.

O processo de mudança também alcança o Senar-RS, instituição que atende mais de 150 mil pessoas do meio rural a cada ano com cursos, programas, palestras e oficinas sobre os mais variados assuntos. Na mesma data, o zootecnista Eduardo Condorelli assume a superintendência do Senar-RS, com a missão de torná-lo uma referência quando se trata de ensino e promoção de novas tecnologias para a agricultura e de assistência técnica no meio rural. É um passo importante e necessário após alcançar a grande visibilidade de marca que detém hoje no Rio Grande do Sul.

A projeção do Sistema Farsul para 2019 é feita de otimismo. Estima-se uma safra de grãos de 34,7 milhões de toneladas, alta de 3,4% em relação ao último ciclo e segundo maior volume de produção da história. Dessa maneira, o campo brinda a sociedade gaúcha com enormes impactos econômicos, diretos e indiretos, que se traduzem em mais empregos, consumo e arrecadação de impostos ao longo de um vasto encadeamento de negócios. Ainda que, colocando uma lupa nos números, ainda reste preocupação quanto às crises setoriais, como é o caso do setor arrozeiro.

Antes mesmo do feliz resultado das urnas — Jair Bolsonaro na Presidência da República, Eduardo Leite no Palácio Piratini, e centenas de parlamentares eleitos alinhados com o pensamento liberal —, os produtores gaúchos faziam disparar o volume de crédito tomado em linhas de investimento. O ano fecha com alta de 21,8%, confirmando aqueles encaminhamentos nas feiras tecnológicas do Estado, notadamente Expointer e Expodireto. Eram para já, não para depois.

A verdade é que o produtor rural, no vislumbrar de qualquer oportunidade, nunca deixa de investir. Antes de um trabalho ou de um sustento, ele entende o campo como essência de vida. Há então como priorizar outra coisa? É natural o desejo pela superação profissional, que é assim também pessoal. Que a primeira lida deste novo ano seja como a última: atenta, dedicada, repleta de ânimo e de confiança que dias melhores sempre aguardam aqueles que os merecem.

Não vamos brigar com o carrapato

Blau Souza*

Trabalhar com bovinos sem o stress e as doenças associadas a infestações por carrapato será sempre o ideal. Mas a praga está aí e desde os tempos da Revolução Farroupilha. Prejuízos e gastos para combatê-la têm sido incalculáveis e não há perspectivas que permitam pensar em erradicação próxima, nem dele, nem da tristeza parasitária, sua dependente. Há dez anos, na Salamanca, trabalhamos sem carrapato, num esquema de banhos carrapaticidas programados. O ciclo do parasita é interrompido, os campos ficam livres das larvas e tudo funciona muito bem, desde que não haja contato com gado ou campo infestados. Mas conseguir isso não é fácil, pois as cercas, os aramados, não garantem o isolamento de animais com carrapato das propriedades vizinhas. Problemas? A imunidade à Tristeza é menor no gado não carrapateado e casos da doença podem surgir a cada contaminação. Isso também se reflete na comercialização, quando o gado livre de carrapato, por ser mais suscetível à doença, tem mercado mais restrito, mais relacionado com o abate.

A vontade de mudar para melhor aumenta quando acontecem dias de campo entusiasmantes como o ocorrido na Estância São Crispim, dentro das atividades da *Alianza del Pastizal*. Lá, em campos nativos e melhorados, vimos novilhas sendo inseminadas aos 14 meses de vida, bem como a repetição, anos seguidos, de ótimos índices de natalidade. É na base desse entusiasmo salutar, que sugiro

pequena alteração de manejo para continuar sem carrapato nos bovinos cuidados pelo meu filho Diogo, na Salamanca, ou pelos sobrinhos Adauto e Gustavo, na estância e na cabanha São Crispim. A sugestão nasce como nas conversas de fim de dia com o Fernando Adauto, de que tenho saudade. À beira do fogo e bebericando um bom vinho, isso acontecia com frequência, pois nossas casas eram separadas por apenas seiscentos metros de pampa. A conversa era muita, e pouco o vinho consumido (por vezes o

Até o combate ao carrapato pode servir de motivo para separar pessoas. O parasita surgiu no Rio Grande nas primeiras décadas do século XIX e teria agravado o descontentamento dos criadores gaúchos com o Império, motivo para a Revolução Farroupilha.

muito e o pouco se invertiam). Sem assunto proibido, nem sempre os ânimos eram pacíficos; mas com bom senso, o amor às raízes e à vida servia de norte para as discussões que, por vezes, viravam crônicas para o Sul Rural. Enfim, voltando ao lado prático, lá vai a sugestão: submeter os animais jovens a infestações de carrapato programadas, em áreas pouco extensas, próximas das sedes das propriedades e bem cercadas. Nelas, será mais fácil revisar toda a lotação do potreiro pelo menos duas vezes ao dia, e assegurar tratamento efetivo, com mínima mortalidade, para os animais que desenvolvam a doença. Isso propiciará vigilância localizada

e intensiva, ao invés de revisões gerais que implicam em percorrer grandes distâncias e examinar o gado distribuído ao longo das cercas compartilhadas com vizinhos cujos animais e campos convivem com o carrapato. E será nesses “piquetes de infestação” que será solto o gado adquirido em leilões de fim de semana, por exemplo, e que no momento atual é desembarcado diretamente para tratamento com carrapaticida. A proposta funcionará como mais uma ferramenta dentre as muitas que integram o manual de boas práticas da nossa pecuária. Não implica em despesa extra e visa o aproveitamento mais racional do pessoal das estâncias. Terei convencido os administradores nominados e os leitores da validade da proposta? Creio que sim, e que até haverá mais gente desejando trabalhar sem carrapato, estimulados pelo desejo de assegurar melhores condições de bem estar e de sanidade aos seus animais. Mas se a sugestão não for aceita, valerá como um aceno de boa vontade entre vizinhos, de paz, numa época de radicalizações, em que até o combate ao carrapato pode servir de motivo para separar pessoas. Afinal o parasita surgiu no Rio Grande nas primeiras décadas do século XIX e teria agravado o descontentamento dos criadores gaúchos com o Império, motivo para a Revolução Farroupilha. Se os recursos atuais são insuficientes para erradicá-lo, busquemos soluções válidas contra ele, mas sem brigar uns contra os outros.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

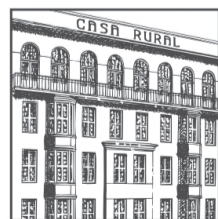
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente: Gedeão Silveira Pereira

Vice-presidente: Elmar Konrad

Diretor Administrativo: Francisco Lineu Schardong

Diretor Financeiro: José Alcindo de Souza Ávila

SENAR-RS

Presidente: Gedeão Silveira Pereira

Superintendente: Eduardo de Mércio Condorelli

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon

Jornalista responsável:

Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)

Fotos: Tiago Francisco, Emerson

Foguinho e Marco Quintana

Colaboração: Alessandra Bergmann,

Gerson Raugust e Samuel Lima

Circulação Mensal

Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400

Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390